

ENTREVISTA// FRANCISCO JOSÉ PIÑÓN

Iniciativa ganha espaço

Para o argentino Francisco José Piñón, secretário-geral da Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI), os vergonhosos índices de analfabetismo na América Latina são um sintoma da crise estrutural que atinge a região, e a falta de políticas de Estado para a educação adia as perspectivas de melhoria. “Em apenas 30 anos deixamos de ser líderes mundiais na produção de conhecimento para ocupar as últimas posições desse ranking”, adverte. Faltando sete meses para encerrar seu segundo mandato à frente da OEI, Piñón falou com exclusividade ao Correio ao passar por Brasília na semana passada.

A OEI está incentivando o governo brasileiro a negociar com seus credores a troca de dívidas por investimento em educação. É um caminho para se conseguir atingir as Metas do Milênio?

Essa perspectiva vem ganhando força, e a Espanha está na frente ao negociar com países como Equador, El Salvador e Nicarágua. Em janeiro, o Ministério espanhol da Economia apresentou a seus pares e a organismos credores o esforço que desenvolve no es-

Carlos Moura/CB/17.4.06



PIÑÓN: OBJETIVO DE ERRADICAR O ANALFABETISMO NAS AMÉRICAS

paço ibero-americano e convidou outros países a se somarem à iniciativa. Então, resolveram constituir em maio próximo um grupo de trabalho, com países como Coreia do Sul, EUA e Canadá. É um primeiro passo para aumentar os investimentos na área de educação, mas os recursos tem de ser bem empregados e sua aplicação fiscalizada. A sociedade deve participar desse processo.

Qual o papel da OEI nisso?

Estamos trabalhando com países-membros para cumprir a meta estabelecida na Cúpula de Salamanca (2005): entre 2008 e 2015, a região ibero-americana deve ser um território sem analfabetismo, coincidindo assim com as Metas do Milênio. Vamos reu-

nindo vontades, pois são necessárias decisões políticas fortes. Damos o apoio técnico. Há uma vontade geral de compartilhar experiências, e por isso queremos fortalecer um espaço ibero-americano de conhecimento, inspirado no que a Europa está fazendo. Com isso, podemos ir além da alfabetização e cooperar em todos os níveis. Trata-se de como fortalecer a capacidade científica, a formação de professores e o intercâmbio de nossos estudantes. Existe um interesse imediato de Espanha e Portugal com a América Latina, especialmente por questões culturais e históricas.

E como evitar que esse trabalho seja mais que uma iniciativa isolada no tempo?

Isso requer esforço sustentável, e o pacto ibero-americano prevê que a educação seja parte de uma política de Estado. Sempre há outros fatores em jogo e o dinheiro acaba indo para outras coisas, não para educação. É preciso que se debata internamente nas regiões e isso vem sendo feito com a instalação de uma agenda. Depois, tem de ser debatido dentro do próprio governo, e com os parlamentares, os partidos e as forças sociais. Transformar a educação numa causa nacional é parte de uma coerência das políticas econômicas do governo. (CDS)